

ELEMENTOS DE REFERENCIAÇÃO: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Luana Eydsan Silva de Moura (UFPB)

luanademoura3@gmail.com

Alvanira Lucia de Barros (UFPB)

alvanirabar@gmail.com

Introdução

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o ensino de Língua Portuguesa, especificamente em relação aos elementos de referenciação, a partir da perspectiva do livro didático do Ensino Fundamental. Tomamos como *corpus* os livros “Para Viver Juntos” – Português, 6º. e 7º¹. anos de Costa et. al (2012), e “Construindo consciências” – Português, 7º. Ano, de Diaféria & Pinto (2007).

Trata de um trabalho embasado na abordagem qualitativa e interpretativa, de natureza documental visto que se utiliza de documentos de domínio público como objeto de análise. Para tanto, utilizamos como suporte teórico; Marcuschi e Koch (2006), Koch e Elias (2006), Koch (2005), Neves (2004), Gabe e Gabriel. (2011).

Assim, podemos afirmar que a análise dos livros didáticos, bem como da literatura que subsidiou esta pesquisa constituem dados de extrema importância para os estudantes que se encontram, ainda, em formação, como os alunos do curso de Letras.

Ressaltamos, também, que este estudo é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica, realizada entre 2013/2014, sob a orientação da Profa. Dra. Alvanira Lucia de Barros.

1 O texto como ponto de partida

Partindo do conceito de texto, Koch (2005, p. 25) pontua não haver consenso quanto ao conceito de texto. Entretanto, sabemos que ele constitui a base do estudo, a partir do qual se investiga a importância e a complexidade da habilidade leitora, considerando os diferentes conhecimentos envolvidos, como o conhecimento de mundo, linguístico etc. Para a autora, texto pode ser entendido como:

Um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional são capazes de construir, para ela, determinado sentido (KOCH, 2005, p. 30).

A partir das estratégias de leitura, das informações implícitas e explícitas, o texto vai se constituindo num trabalho cooperativo de interação entre autor, texto e leitor, e, nesse processo comunicativo, destacam-se as estratégias de referenciação que dizem respeito à reativação de referentes no texto, como anáfora, elementos observados na análise dos dados coletados nesse estudo. Enfatiza a autora:

¹ No resumo informei que as séries analisadas seriam 8º. e 9º. anos do ensino do Ensino Fundamental, mas na realidade são 6º. e 7º. anos.

As inferências constituem estratégias cognitivas extremamente poderosas, que permitem estabelecer a ponte entre o material lingüístico presente na superfície textual e os conhecimentos prévios e/ou compartilhados dos parceiros da comunicação. Isto é, é em grande parte através das inferências que se pode (re)construir os sentidos que o texto implícita. (KOCH, 2005, p. 25)

Para Koch e Elias (2006), a coesão está relacionada à ligação entre ideias e unidades textuais. As autoras apontam a referenciação como sendo responsável pela progressão textual, fato que se dá tanto no texto escrito, como no texto oral. Nesse processo, situa o referente inicial, ou a introdução e a retomada do referente realizada com o uso de sinônimos, pronomes, hipônimos, hiperônimos etc.

Os elementos de referenciação, também são denominados de anáfora, catáfora e dêixis. A anáfora constitui o elemento lingüístico por meio do qual se aponta ou remete para elementos presentes no texto, já ditos, ou cujos referentes possam ser recuperados, inferidos a partir de pistas expressas no texto.

Koch e Elias (2006) subdividem a anáfora em vários tipos: anáfora resumidora, anáfora associativa, anáforas definidas, anáforas demonstrativas, anáforas especificadoras e anáforas pronominais. Neste momento, enfatizaremos as anáforas pronominais, por considerar a presente proposta de pesquisa que diz respeito analisar e descrever os aspectos envolvidos no processo de compreensão dos elementos de referenciação relativos aos livros em foco.

Marcuschi e Koch (2002, p. 383) tratam a referenciação como uma atividade de designação produzida na relação “língua-mundo”. Para os autores (op. Cit) “remeter é uma atividade de processamento indicial na contextualidade; retomar é uma atividade de continuidade de um núcleo referencial, seja numa relação de identidade ou não.”

Na realidade, a referência diz respeito às ações discursivas efetuadas pelos sujeitos durante o processo de desenvolvimento discursivo a partir da seleção das informações como expressões de referência.

2 Uma análise dos referentes nos livros didáticos

Tendo a referenciação como escopo do estudo da pesquisa aqui relatada, verificamos que as atividades propostas de ensino nos livros didáticos, abarcam de maneira precisa os conteúdos programados, mas não explora, de fato, a discursividade veiculada pelos elementos de referenciação. Os pronomes, por exemplo, são vistos de maneira superficial e não como partes constitutivas do texto, como se não fizessem parte do todo textual, tanto que, na maioria das vezes os livros apresentam atividades com frases recortadas de textos alterando o sentido para que os alunos substituam um pronome pelo outro, “esquecendo-se” de pegar a frase com o pronome substituído e colocá-la novamente no texto “[...] essas substituições não são possíveis sem que o texto fique mutilado, destruído, completamente prejudicado [...]” (NEVES, 2010, 121).

Percebemos, ainda, que os textos apresentados nos livros, estão sendo utilizados predominantemente para a interpretação e a retirada de construções lingüísticas, não havendo uma preocupação com o sentido veiculado pelos pronomes dentro do texto. Procedimentos dessa natureza contribuem, muitas vezes, para a falta de coesão e coerência nos textos dos nossos alunos, pois muitos acreditam simplesmente que podem substituir os pronomes sem a real compreensão do valor discursivo desses elementos dentro do texto. Entretanto, são esses elementos que contribuem para que o texto tenha um sentido como todo e estabeleça sentidos através das retomadas anafóricas, a partir do uso de palavras que irão dar a ideia do que ainda será dito.

Com isso, percebemos a limitação apresentada pelos livros quando tratam dessa temática, cabendo, portanto aos professores o domínio efetivo desses elementos de referência. Olhando sob esta perspectiva, cabe ao professor ter consciência linguística para desenvolver as habilidades dos alunos nas atividades de ensino. A seguir, discorreremos sobre os exercícios analisados.

Neste item, transcreveremos um recorte extraído dos livros didáticos do Ensino Fundamental, “Para Viver Juntos”– Português de Costa et. al (2012), e Construindo consciências – Português de Diáféria & Pinto (2007), ocasião em que teremos a oportunidade de traçar um panorama acerca do assunto sob o enfoque em pauta. O referido recorte abrange o tratamento abordado pelos livros pesquisados, 6º e 7º anos, sobre os elementos de referência, mais especificamente, os pronomes presentes nos livros, como pronomes pessoais do caso reto e pronomes pessoais do caso oblíquo e demonstrativos.

O livro “Para Viver Juntos”– Português, 7º. Ano, p. 56, inicia a atividade com o título “Reflexão linguística”, “pronomes: revisão”. A seguir transcreveremos a atividade:

Quadro 1.0

✕ Pronomes

1. Leia a tira.



Hagar, o Horível, de Dik Browne.

- No primeiro quadrinho, qual é a intenção de Honi ao fazer a pergunta?
- A quem se refere a palavra *outros* da fala de Honi?
- Em sua resposta, Helga diz que está cansada “de todos aqueles rapazes esperando em nosso gramado”. É possível supor que os *outros* da fala de Honi sejam *aqueles* da fala de Helga? Por quê?

As palavras *outros* e *aqueles*, que aparecem na tira, são pronomes.

Em seguida apresenta a definição no item abaixo transcrito. Este é o ponto norteador da lição.

Pronomes são palavras que substituem ou acompanham nomes. Além dessa função, o pronome também indica, em uma situação de interlocução, os participantes do ato comunicativo. Ex. “*Eu* devo me casar com o Lute”. Em um texto, o pronome remete a algo que já foi ou ainda será mencionado. Ex.: Você sabe o que *isso* causa?

Em seguida, expõe o conteúdo relativo aos pronomes pessoais, por exemplo:

Os pronomes que substituem diretamente os nomes e informam as pessoas do discurso são chamados de pronomes pessoais do caso reto e pronomes pessoais do caso oblíquo. Veja os exemplos: Eu e ele fomos à praia.

Os pronomes **eu** e **ele** são pronomes pessoais do caso reto e se referem à primeira e à terceira pessoa do singular, respectivamente.

Nós nos encontramos na festa de aniversário.

A palavra **nós** é pronome pessoal do caso reto e se refere à primeira pessoa do plural. Já a palavra **nos** é chamada de pronome pessoal do caso oblíquo e se refere à primeira pessoa do plural.

Os pronomes pessoais do caso oblíquo **me, te, nos, vos, se, si, consigo** são chamados pronomes reflexivos quando a ação verbal reflete sobre quem pratica tal ação. Veja alguns exemplos:

A menina **se** penteou na frente do espelho.
Meu pai sempre fala de **si** com muito orgulho.
Os pedreiros não trouxeram os andaimes **consigo**.

As formas do pronome reflexivo nas pessoas do plural são usadas também para expressar a reciprocidade da ação, isto é, para indicar que a ação verbal é mútua entre dois ou mais indivíduos. Nesse caso, o pronome é chamado de pronome reflexivo recíproco.

Jaime e eu **nos** abraçamos. (grifos nossos)

Os pronomes reflexivos indicam que o objeto direto ou indireto representa a mesma pessoa ou coisa que o sujeito do verbo.
Os pronomes reflexivos recíprocos indicam que duas ou mais pessoas ou seres trocam ação ou sentimento.

Na sequência, a lição fala dos pronomes de tratamento e pronomes demonstrativos seguindo exatamente a definição da Gramática Tradicional. Em seguida, apresenta o tópico Reflexão linguística na prática, p. 58, com a apresentação do texto “Astronauta”, a partir do qual propõe atividades para exercitar a lição proposta.

Na página 59 apresenta o tópico “Língua viva - Os pronomes e a coesão”, iniciando com a leitura da crônica ‘Ela’, de Luiz Fernando Veríssimo, transcrita a seguir:

Ainda me lembro do dia em que chegou lá em casa. Tão pequenininha! Foi uma festa. Botamos ela num quatinho dos fundos. Nosso filho – naquele tempo só tínhamos o mais velho – ficou maravilhado com ela. Era custo tirá-lo da frente dela para ir dormir.

Combinamos que ele só poderia ir para o quarto dos fundos depois de fazer todas as lições.

- Certo, certo.

- Eu não ligava muito para ela. [...]

Para esta leitura apresenta as seguintes questões:

- a) O narrador não informa precisamente quem chegou, mas dá algumas pistas. O que sabemos sobre ela?
- b) Qual é a palavra que se repete para se referir a quem chegou?
- c) Que efeito a repetição dessa palavra traz para o texto?
- d) Levante uma hipótese sobre a qual seria o motivo das mudanças no cotidiano da família. Justifique sua resposta com elementos do texto.
- e) Reescreva o texto em seu caderno, substituindo a palavra repetida pela hipótese que você levantou.
- f) Copie do texto as palavras que substituem o substantivo filho.
- g) Classifique as palavras que você copiou no item anterior.”

Por fim, apresenta a nota:

Um dos recursos para evitar a repetição de palavras em um mesmo texto é substituí-las por sinônimos e pronomes.
Em texto literários, a repetição dos pronomes pode ser usada intencionalmente,

como uma forma de criar suspense e humor.

Inicialmente, é importante destacar o tema da lição “Reflexão lingüística e Língua viva”. São termos muito em voga atualmente, porque dialogam com a noção de língua, reflexão e uso. Em relação à exposição do primeiro termo este, apresenta uma noção de conceito de pronome bastante arraigada ao cânone tradicional, que segundo a literatura lingüística mais restringe o entendimento do que desenvolve as competências de compreensão relativas às referencias presentes no texto, ou seja, não abarca os fenômenos lingüísticos passíveis de ocorrerem em determinadas funções, conforme pontua Koch e Marcushi (2006, p. 383):

sendo a referenciação um caso de operação dos elementos designadores, todos os casos de progressão referencial são baseados em algum tipo de referenciação, não importando se são os mesmos elementos que recorrem ou não. A determinação referencial se dá como um processamento da referencia na relação com os demais elementos, geralmente num intervalo interfrástico, mas não necessariamente como referencial (correferenciação).

Entretanto, entendemos que a referenciação é um processo natural da progressão textual discursiva que ocorre naturalmente, sendo os pronomes pessoais, elementos constantes desse processo.

É, na página 59, já citada, que os pronomes são retomados num breve diálogo com a perspectiva voltada para os elementos de referenciação, oportunidade muito produtiva, acaso fosse retomada ao longo dos textos trabalhados no livro citado. No entanto, no texto que segue, inclusive bastante longo, uma lenda intitulada “Um impossível amor: as cataratas do Iguazu”, anexo 1, as atividades propostas, relativas à exploração dos pronomes pessoais nem sequer são mencionadas. Fatos semelhantes foram constatados ao logo do livro, ou seja, a referida lição encerra o assunto aqui tratados. Abaixo transcrevemos trechos do texto que poderiam ser explorados:

Quarto parágrafo:

“A cada primavera, oferecem em casamento ao Mal a mais bela jovem da tribo. **Ela** não pode olhar para ninguém, nem deixar seu coração ser conquistado por algum pretendente.

Quinto parágrafo:

(...) **Ela** era especialmente bonita e cobiçada pelos mais elegantes guerreiros. Mas sabendo-**se** comprometida com o Mal, em benefício de todos.

Sexto parágrafo:

(...) Entre **eles** se encontravam Tarobá, valente guerreiro, de corpo esbelto, de rosto afável e de maneiras elegantes (...)

(...) Os olhares se cruzaram e nasceu entre **eles** uma paixão avassaladora, que nem o Mal podia controlar.

Sétimo parágrafo:

Enquanto todos se atarefavam com os preparativos do casamento, **eles** secretamente se encontraram na margem do rio Iguazu. **Trocavam** beijos e abraços.” (grifo nosso)

O texto, embora rico em elementos referenciais, não é explorado como deveria, visto que, as atividades correspondentes a este texto não abarcam todos os fenômenos linguísticos que poderiam ser extraídos dele. Os autores ao se “debruçarem” sobre o texto demonstram preocupação, precisamente, no valor interpretativo da obra em termos literários, conforme anexo 2, sem, contudo, levar em consideração os pronomes, objeto da atividade proposta.

É notável como os valores coesivos do texto, propriamente dos elementos de referenciação: anáfora, catáfora não são questionáveis e nem valorizados durante o processo de interpretação do texto, em análise. Os alunos, certamente, saem dessa fase de ensino sem a devida consciência dos elementos coesivos, pois tal atividade é limitada sem considerá-los em sua dimensão textual.

Ao analisarmos essa atividade, correspondente ao texto e colocado dentro da temática dos pronomes, percebemos que da primeira indagação a última, não se trata de outra coisa senão dos aspectos interpretativos da obra em termos literários, tempo, espaço e etc., embora não estejamos condenando tal atitude, mas a falta de aprofundamento do tema em questão. Na questão 2, “O texto lido faz referência a forças sobrenaturais para explicar uma paisagem natural” porque o autor não se utilizou dessa ideia para questionar o elemento coesivo da anáfora textual, já que no texto as forças sobrenaturais são retomadas sempre? Atividade que requer, necessariamente, a atuação do professor frente aos alunos, no sentido de retomar tais elementos e sua relação textual. Tais explicações devem ser trabalhadas com o intuito de estabelecer as relações coesivas do texto.

Nesta parte, apresentamos um breve recorte do livro “Para Viver Juntos”– Português, 6º. Ano, o qual segue os mesmos passos que o livro da 7ª série, razão pela qual transcreveremos o tópico “Língua viva “O pronome na coesão do texto”, p. 215, relativo ao tratamento dos “Pronomes demonstrativos”, que inicia com a leitura do poema de Lenice Gomes e Hugo Monteiro Ferreira, “Era uma vez...”, transcrita a seguir:

1.
O seu rei mandou me chamar
Pra casar com sua filha
Só de dote ele me dava
Europa, França e Bahia
Me lembrei do meu ranchinho
Da roça, do meu feijão
O rei mandou me chamar
Ó seu rei, não quero, não.

Para esta leitura apresenta questionamentos como os que seguem abaixo:

- a) O que a palavra *meu* indica sobre as posses do eu lírico?
- b) Qual palavra presente na estrofe indica que a moça é filha do rei?
- c) O que impede o eu lírico de casar com a filha do rei?
- d) O eu lírico, ao se dirigir ao rei, utiliza a expressão *seu rei*. Qual é o sentido da palavra *seu* no poema?

2. Os dois primeiros versos poderiam ter sido escritos assim: “O seu rei mandou me chamar / Pra casar com a filha do rei”. Compare esses versos com os originais e explique a função do pronome *sua*.

3. Leia o texto.

Ser amigo é... amar e respeitar nossos primeiros amigos, que são nossos pais. Eles brigam, e dizem coisas que não gostamos de ouvir, mandam a gente escovar os dentes, tomar banho e dormir. Em alguns dias, choramos; em outros, rimos sem parar, pois sabemos que esses amigos nunca vão nos abandonar.

- a) A expressão *esses amigos* está se referindo a quem?
- b) Por que o autor utilizou o pronome *esses*, nessa expressão?

Leia a frase abaixo.

Nem a mãe mais moderna suporta que o quarto fique bagunçado e, quando *isso* acontece, o resultado é uma mãe estressada!

- a) Reescreva essa frase sem usar o pronome demonstrativo *isso*. Quais palavras ficariam repetidas sem o uso do pronome *isso*. (grifos do autor)
- b) Como você pôde observar, existe a possibilidade de escrever essa frase sem o pronome demonstrativo. Qual é a função do pronome nessa frase?

Por fim, apresenta a nota:

Os pronomes são elementos de coesão textual, pois ajudam a estabelecer relações no texto, interligando ideias, tornando o texto mais preciso e evitando as repetições.

Nas páginas seguintes, a atividade proposta, diz respeito à acentuação de hiatos e ditongos. Fatos semelhantes foram constatados ao logo do livro, ou seja, a referida lição encerra o assunto aqui.

O livro seguinte analisado “Construindo consciências” – Português, 7º. Ano, de Diaféria & Pinto (2007, p. 132), trabalha a atividade “Colocação pronominal”, iniciando com a leitura do texto “O esmagamento das gotas”, em seguida apresenta o item 2 que trás a seguinte chamada: “Observe os pronomes oblíquos destacados e responda: quanto à colocação pronominal, qual a diferença entre eles?” Todos os questionamentos apresentados não estabelecem correlação com o texto. Na realidade, o texto todo só apresenta dois itens destacados alusivos à referência. Enquanto isso, as atividades de compreensão são alteradas para atender ao objetivo da lição, como se pode ver no trecho transcrito a seguir:

(...) Mas há as que **se** suicidam e logo se entregam, brotam na esquadria e de lá mesmo se jogam, parece-me ver a vibração do salto, **suas perninhas** desprendendo-**se** e o gritos que as embriaga nesse nada do cais e aniquilar-se. (DIAFÉRIA & PINTO, 2007, p. 132) (grifo nosso)

- b) **vi suas** perninhas desprendendo-se. (DIAFÉRIA & PINTO, 2007, p. 133)

Nessa investigação, percebemos que o livro didático contribui para uma postura rígida e prescritiva do professor, embora tangencie o tema da aula, conforme exposto nesse último livro apresentado.

A partir do exemplo exposto, é visível a recorrência de texto curtos, bem como a utilização de tirinhas, a qual não se distancia tanto de uma frase recortada de texto, como exposto neste último exemplo. Deste modo, notamos que os autores dos livros didáticos estão trazendo para nossos alunos meios facilitadores para suas análises pronominais, substituindo um texto riquíssimo em elementos linguísticos, por algumas frases, omitindo a contribuição limitada oferecida desse tipo de texto.

A partir dos exemplos expostos, pautados no livro didático do Ensino Fundamental, podemos afirmar que o modelo de análise proposto pelo livro oferecido aos alunos preenche a prerrogativa dos parâmetros instituídos tradicionalmente através de atividades de metalinguagem, excluindo-se a gramática natural da língua e os usos. Neste caso, em análise, os conceitos são reduzidos, mas subjacentes aos questionamentos propostos. A esse respeito, vejamos o que afirma Neves (2004, p. 114):

(...) Na prática há um conflito com a gramática ensinada, porque ela nem é normativa (para guiar a correção) nem vai ao texto (para, de fato, ensinar um melhor desempenho no uso linguístico). O que verifiquei (NEVES, 1990a) é que os professores foram despertados para uma crítica dos valores da gramática tradicional, e, por isso, têm procurado dar aulas de gramática não normativa, o que os leva (sic) a que as aulas de gramática sejam reduzidas a uma simples exposição da taxonomia. Verificam eles que a gramática que ensinam não está contribuindo para a finalidade pretendida de ‘escrever melhor’, mas mantêm as aulas sistemáticas de gramáticas como um ritual imprescindível à legitimação de seu papel.

De fato, tais atividades constituem exercícios fora da realidade linguística, artificiais, portanto, e certamente não desenvolvem nenhuma compreensão de sentido, tampouco das possibilidades de uso dos pronomes, no cotidiano linguístico do aluno, que estão presentes nos textos do cotidiano da sala de aula.

No que tange ao (re)conhecimento dos elementos de referência, especificamente dos pronomes, elementos anafóricos, conforme o recorte exposto, apesar da estratégia da “Língua viva” ser coerente, não há um trabalho efetivo que produza conhecimento, limitando-se ao enfoque de nomenclaturas destituídas de qualquer significado textual.

Enfim, são notáveis os métodos de intervenção apresentados nos livros didáticos, nos fazendo refletir que segui-los fielmente talvez não seja um dos melhores caminhos, mas sim, se conseguirmos utilizá-los de forma coerente e intervindo quando for necessário, suprindo com nossa visão, o que o livro ainda não abarcou.

Considerações finais

Cumprindo com os objetivos mencionados na introdução – fazer o levantamento bibliográfico e análise do livro didático, das séries do 6º e 7º, anos do Ensino Fundamental, verificamos que o ensino dos elementos de referência, tratados como pronome pessoais, oblíquos e demonstrativos, proposto pelos livros didáticos, em análise, apresentam atividades desenvolvidas na escola, restringindo-se a um ritual, cujas lições são postas a partir da rotulação, reconhecimento e classificação dos itens objetos da análise. Nelas percebe-se claramente a preocupação em não expor detalhadamente os conceitos, numa tentativa velada de “modernizar” o ensino de gramática, entretanto, é evidente o trabalho de gramática dissociado do texto.

Considerando os dados apresentados, concluímos que as perspectivas teóricas fundamentadas pela linguística se diferenciam em relação ao tratamento dado pelos livros didáticos; estes minimizam o valor argumentativo dos elementos de referência. Os livros didáticos dão um foco menor, minimizam o trabalho efetivo do ensino no que diz respeito às competências e habilidades desses elementos, enquanto as teorias destacam a importância das competências e habilidades em relação ao processo

de leitura e escrita de tais elementos de referenciação como foco indispensável para interpretação do texto.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática** – por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro, segundo, terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSTA, Cibele Lopresti; LOUSADA, Eliane Gouvêa et.al. Coleção **Para Viver Juntos** – Português, Língua Portuguesa 6º e 7º anos 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2012.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura**. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1993.

GABE, Márcia Beatriz; GABRIEL, R. A identificação de referentes na leitura de textos de livros didáticos. In: Onici Claro Flôres; Dercy Akele. (Org.). **DA TEORIA À PRÁTICA: gêneros discursivos & práticas escolares de leitura e escrita**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça. **A interação pela linguagem**. 5ª. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Argumentação e Linguagem**. 7ª. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **A coesão textual**. 12ª ed. São Paulo: Contexto, 1999.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e aprender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I. G. V. Referenciação In: KATO, Mary A. (org.). **Gramática do Português Falado** Volume V. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MATENCIO, Maria de L. M. **Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento**. Campinas- SP: Mercado de letras, 1994.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática ensinar na escola?** São Paulo: Contexto. 2014.

ANEXO I

Um impossível amor: as cataratas do Iguazu

Todos os que visitam as imponentes cataratas do rio Iguazu, entre o Brasil e a Argentina, se recordam da soberba palmeira que se ergue de uma ilhota exatamente no ponto de onde as águas se precipitam. E lá embaixo, na mesma direção da palmeira, se pode ver uma pedra no fundo das águas claras. Parece até um milagre da natureza que tanto a palmeira quanto a pedra resistam ao turbilhão das águas fragorosas.

Os índios da região, os Kaingang, sabem o porquê e nos desvendaram o mistério. Contam a seguinte estória, carregada de dramaticidade.

Há uma luta sem trégua entre o Bem e o Mal na natureza, na história da tribo e na vida de cada kaingang. Cada lado contabiliza vitórias e derrotas, sem nunca conseguir assegurar a vitória definitiva de um sobre o outro. Mas os pajés kaingang inventaram um **estratagema** para garantir a última palavra ao Bem, sem **suprimir** totalmente o Mal. Ei-lo:

A cada primavera, oferecem em casamento ao Mal a mais bela jovem da tribo. Ela não pode olhar para ninguém, nem deixar seu coração ser conquistado por algum pretendente. Assim o Mal, satisfeito, modera sua maldade, enviando menos doenças às pessoas, menos tempestades às aldeias, menos pragas às plantações de milho e de mandioca e menos ataques de tribos inimigas. As jovens escolhidas aceitam até como um privilégio esse casamento **sinistro**, porque sabem que desta forma ajudam toda a tribo.

Num certo ano, a sorte caiu sobre Naipi, filha do grande cacique. Ela era especialmente bonita e cobiçada pelos mais elegantes guerreiros. Mas sabendo-se comprometida com o Mal, em benefício de todos se comportava com a maior discrição e indiferença. Mais ainda, aguardava com ansiedade o dia do casamento. Os preparativos iam avançados e os convites para a festa tinham sido enviados a todas as aldeias da região.

Muitos convidados foram chegando e ajudavam na preparação dos alimentos: caça, peixe, frutas, legumes e cauím em abundância. Entre eles se encontrava Tarobá, valente guerreiro, de corpo esbelto, de rosto afável e de maneiras elegantes. Sobressaía tanto dos outros que chamou a atenção de Naipi. Os olhares se cruzaram e nasceu entre eles uma paixão avassaladora, que nem o Mal podia controlar.

Enquanto todos se atarefavam com os preparativos do casamento, eles secretamente se encontravam na margem do rio Iguaçu. Trocavam beijos e abraços. Faziam juras de amor eterno. E assim fizeram por três a quatro dias. Por fim, elaboraram juntos um plano de fuga para poderem viver o seu grande amor. Tarobá arranjaria uma canoa veloz. Na véspera da grande festa, quando todos, certamente, já dormiriam de cansaço, fugiriam discretamente.

Mas o Mal, com seu grande poder, acompanhava e escutava tudo sem ser notado. Descobriu a traição e preparou a vingança. Esperou que os dois comessem a fuga pelo rio. E quando já estavam longe, felizes em sua canoa, porque tudo correria como haviam planejado, ouviram, subitamente, um grande sibilar no céu. Viram o Mal, em forma de uma imensa serpente, retorcendo-se no espaço e se lançando com toda força no meio do rio. O impacto foi tão grande que abriu uma enorme cratera no fundo do rio. As águas todas se precipitaram no buraco, carregando a frágil canoa. Formavam-se assim as cataratas do rio Iguaçu, fruto da fúria do Mal.

O Mal, para completar sua vingança, transformou Tarobá numa palmeira no alto das quedas e Naipi numa pedra no fundo das águas, na mesma direção de Tarobá. Assim, lá no seu lugar, no alto, Tarobá contempla sua amada sem nada poder fazer, nem sequer tocá-la.

Entretanto, mais forte que o Mal é o amor. Esse tem mil estratégias para se **perenizar**. Por isso, quando sopra o minuano, o vento assoviante que vem do Sul sacudindo a copa da palmeira, Tarobá aproveita para enviar a Naipi sussurros de amor. E quando **irrompe** a primavera, lança flores de seu cacho para saudar amorosamente Naipi, escondida lá embaixo nas águas.

Naipi tem um véu de águas claras e frescas a lhe **adornarem** a fronte e a lhe amenizarem o calor de sua paixão por Tarobá.

Um detalhe porém escapou à fúria vingativa do Mal: o arco-íris, símbolo principal do Bem. De tempos em tempos, depois das grandes chuvas, forma-se, surpreendentemente, um arco-íris que une a palmeira

6. CO... **momento de êxtase. Todas as energias se ativam**

mediano. Tarobá e Naipi se **entlaçam** e se **entrelaçam** em amor e p

Pescas especiais, anjos da natureza – os filhos e as filhas do arco-íris – cantam que se pode notar, então, uma **aura** de luz devolvida por um momento a forma humana a Tarobá, que vira palmeira Naipi, que fica transformada em pedra. Eles, por um curto instante vale uma eternidade, se transformam em gente. Dovem-se, então, aos auras de amor sem fim.

E dizem que, ao desfazer-se lentamente o arco-íris, escutam **luminárias** tristes como quem se despede com o coração partido cheio de esperança, ansiando pelo próximo arco-íris. E Tarobá volta a ser palmeira e é Naipi que vira, de novo, pedra do lado da Mãe há logo dentro deles, o fogo eterno do amor.

PNBE

ANEXO 2

tudo do texto

Para entender o texto

Em que tempo e espaço ocorre o fato narrado?

O texto apresenta um costume da tribo kaingang.

- Qual é ele?
- De que forma esse costume contribui para a manutenção da tranquilidade da tribo?
- Por que ser escolhida para o sacrifício é, para uma moça kaingang, motivo de honra e orgulho?

O texto lido faz referências a forças sobrenaturais para explicar uma paisagem natural.

- Quais são as forças sobrenaturais veneradas pelos índios kaingang e o que sabemos sobre elas?
- Qual fenômeno natural a lenda explica?